
PROJETO DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

READING PROJECT IN ELEMENTARY EDUCATION: EXPERIENCE REPORT

Simone Cabral Marinho dos Santos

Graduada em Ciências Sociais - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestre em Sociologia - Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Departamento de Educação e dos Programas de Pós-Graduação em Ensino e Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - Campus Pau dos Ferros.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8338-8482>

E-mail: simone.cms@hotmail.com

Maria Luzaní Viana Alves

Graduada em Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Campus de Pau dos Ferros. Professora da Educação Básica na Escola Unidade XIV Elvira Dantas de Meireles – Francisco Dantas (RN).

E-mail: luzaniviana5@gmail.com

Maria Simara Souza Queiroz

Graduada em Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Campus de Pau dos Ferros. Professora da Educação Básica na Escola Municipal Coração de Maria – Severiano Melo (RN).

E-mail: simaraqueiroz2013@hotmail.com

1 - Parte resumida desse artigo foi publicada nos Anais do X Fórum Internacional de Pedagogia - X FIPED. Pau dos Ferros/ RN, 2019.

RESUMO

A leitura é um instrumento de aprendizado, encantamento, criatividade e imaginação, uma prática intensa, e fazê-la prática cotidiana em sala de aula é um grande desafio para o professor. Partindo desse pressuposto, este artigo tem como objetivo apresentar o relato de experiência do projeto de leitura “O prazer de ler” desenvolvido em uma escola pública, no ano de 2017, envolvendo alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Esse relato foi elaborado como produto da disciplina “Práticas Pedagógicas Programadas II”, ministrada no curso de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF)*. No contexto escolar, o projeto foi desenvolvido por meio da produção textual, contação, recontação e encenação dos personagens das histórias, incentivando a criatividade, interesse, desenvoltura e participação de alunos e alunas. Nessa experiência, as atividades realizadas proporcionaram como resultado um incremento na aprendizagem cognitiva e criativa dos alunos, aprimorando o seu gosto pela leitura.

Palavras-chave: leitura; literatura; escola.

ABSTRACT

*The reading is an instrument of learning, enchantment, creativity and imagination, an intense practice, and making it a daily practice in the classroom is a great challenge for the teacher. Based on this assumption, this article aims to present the experience report of the reading project “The pleasure of reading” developed in a public school, in 2017, involving students from the 1st to the 5th year of elementary school. This report was prepared as a product of the subject “Programmed Pedagogical Practices II”, given in the Pedagogy course of the National Plan for the Training of Basic Education Teachers (PARFOR) of the State University of Rio Grande do Norte (UERN), *Advanced Campus of Pau of Irons (CAPF)*. In the school context, the project was developed through textual production, telling, retelling and staging the characters in the stories, encouraging creativity, interest, resourcefulness and participation of students and students. In this experience, the activities carried out provided, as a result, an increase in the students’ cognitive and creative learning, improving their taste for reading.*

Keywords: reading; literature; school.

INTRODUÇÃO

O ser humano adquire conhecimentos desde o seu nascimento, pelo compartilhamento de experiências com a família e com a sociedade. Nesse contexto, surge a literatura, que se apropria de elementos do social, do cultural, do político, para construir histórias de ficção, fazendo com que o leitor (re)viva e reflita sobre as narrativas, absorvendo ou retirando proveito das informações presentes no texto. São apresentados personagens que fazem refletir, principalmente se contextualizados com a realidade em que se vive.

Na literatura infantil, isso se dá pela imaginação, que quanto mais aguçada for, mais conhecimento se adquire, mais se alimenta a curiosidade de buscar novos horizontes nos textos. No contexto escolar, a leitura de literatura deve ser desenvolvida durante todo o ano letivo, através de projetos pedagógicos que oportunizem ao educando o contato com os textos literários, a partir de metodologias diversificadas, em momentos distintos, para além de datas comemorativas. O incentivo ao aluno de frequentar a biblioteca e o estímulo da leitura em casa, ampliam as possibilidades de contato e interação com os textos.

Tratam-se de ações aparentemente corriqueiras do trabalho pedagógico, mas ainda difíceis de se manterem como proposta pedagógica da escola. Daí o propósito deste artigo, que tem como objetivo apresentar o relato de experiência do projeto de leitura “O Prazer de Ler”, envolvendo alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, sendo que o 4º e 5º anos compõem uma turma multiseriada. Esse projeto foi desenvolvido no ano de 2017, em uma escola pública da rede municipal de ensino, situada na zona rural da região do Alto-Oeste Potiguar.

O relato aqui apresentado foi elaborado como produto da disciplina “Práticas Pedagógicas Programadas II”, ministrada no curso de Pedagogia ‘do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Trata-se de uma experiência vivenciada por uma das autoras desse artigo, na qualidade de professora da turma multiano (4º e 5º ano).

Nesse trabalho, a equipe pedagógica e professores da escola *lócus* do desenvolvimento do projeto de leitura, colocaram os alunos em contato com o universo de aventura das obras infantis de Monteiro Lobato, em especial, os textos que envolvem o mundo criativo do Sítio do Pica Pau Amarelo. De forma lúdica e prazerosa, as atividades de leitura, mediadas pelos professores, encantaram os alunos e fizeram-nos aproximarem do contexto social revelado pelas obras, buscando-se associá-lo a conteúdos de diversos componentes curriculares. Para isso, foram utilizados diferentes gêneros textuais, além de vídeos, ilustrações, encenações, resguardando-se as diferenças quanto à faixa etária e níveis de aprendizagem.

Para análise dessa experiência, na apropriação de conceitos sobre Leitura e Literatura, tomou-se, inicialmente, as ideias de Solé (2008), Lajolo (1999), Villard (1999), Martins (1994) e Freire (1981). Julga-se a relevância da divulgação do trabalho, por ele favorecer um ambiente coletivo de estímulo à leitura e à formação de leitores, envolvendo professores, alunos, gestão, coordenação, supervisão e pais, caracterizando-se, efetivamente, como uma proposta pedagógica da instituição escolar.

LEITURA E LITERATURA: REVISITANDO CONCEITOS

A leitura é um ato particular de cada indivíduo que, por meio da interação com o texto, pode conduzi-lo à leitura do mundo, à criação, à imaginação e ao conhecimento do que até então lhe era desconhecido. Para Solé (2008, p. 22), “[...] a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura”. A leitura é um meio de decodificar palavras e frases, que se transformam em textos a serem explorados e transformados, pela atribuição de sentidos por parte de quem os lê. Segundo Villard (1999, p. 4), “ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura”. E é o desenvolvimento da capacidade de interpretar que amplia essa experiência.

Assim, o ato de ler não deve ser entendido apenas no sentido de se decodificar um texto conforme sua estrutura, pois a experiência com a leitura requer um potencial humanizador, que possibilite instigar, analisar criticamente os textos. Segundo Freire (1981, p. 59), “[...] um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado”. Todo estudo, portanto, pressupõe a interpretação, que parte, para o autor, de uma observação ao mesmo tempo séria e curiosa sobre o objeto a ser estudado.

Numa direção próxima, Villard (1999, p. 8) afirma que “qualquer texto é capaz de se transformar num elemento que enriqueça as estruturas de linguagem e pensamento, promovendo o crescimento intelectual do indivíduo”. Na medida em que a criança vai desenvolvendo uma leitura correta, ela tem a oportunidade de ampliar o contato com os textos, mesmo na leitura solitária e silenciosa, vencendo intelectualmente as dificuldades de entendimento e interpretação.

Com a leitura, as crianças podem adquirir novos vocabulários, ampliar os conhecimentos, o que é potencializado pela mediação do educador, ao introduzir estratégias para facilitar a aprendizagem. Para Solé (2008, p. 70): “as estratégias de leitura são procedimentos de ordem elevadas que envolvem o cognitivo; no ensino elas não podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas”. Através de práticas e estratégias de compreensão leitora, os alunos podem adquirir conhecimentos da estrutura de construção dos textos, e do uso de procedimentos textuais que possibilitem conhecimentos necessários para facilitar a apreensão dos significados, permitindo avançarem na reflexão e tornarem-se leitores autônomos. De fato,

[...] formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relação entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes (SOLÉ, 2008, p. 72).

O uso da leitura pode, então, tornar os alunos aptos à compreensão e interpretação textual. Quando atentos aos problemas surgidos na leitura, podem solucionar, resolver dúvidas e aprender com novas descobertas. Numa roda de conversa, por exemplo, tornar-se apto para debater, relatar experiências e assuntos abordados em textos. Para Martins (1994, p. 34) “aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados”. Ainda segundo este autor, a leitura é um processo contínuo e gradativo, que vai além de todas as expectativas anteriores, quando o leitor passa a ser um leitor de suas próprias construções. E assim, “a curiosidade [vai] se transformando em necessidade e esforço para alimentar o imaginário, desvendar os segredos do mundo e dar a conhecer o leitor a si mesmo através do que lê e como lê” (MARTINS, 1994, p. 17).

A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

As obras literárias, quando escritas, se apropriam de histórias vividas ou imaginadas, que são transformadas em contos, romances, narrativas populares, mitos, poesias, fábulas entre outros gêneros textuais. São produções resultantes de diferentes vivências pessoais, sociais, culturais, que conquistam os mais diversos leitores. Nesse sentido, a literatura é uma arte de compor, de criar dentro da diversidade do mundo real. Consequentemente, a leitura de ficção, de poesia, também traz dinamismo e motivação para refletir sobre a realidade.

No ambiente escolar, o desafio para o professor está em fazer com que o discente sinta prazer com a leitura literária, pautando-se, epistemologicamente e metodologicamente, numa prática pedagógica mediadora que busque, a partir da literatura, informar, abordar problemas e propor soluções; isso, em articulação com as diversas áreas de conhecimento e levando em consideração as emoções e sentimentos dos alunos, oportunizando-os vivenciar conjuntamente o real e o imaginário no espaço escolar.

Através do trabalho mediador do docente, enquanto prática intencional e contextualizada, a leitura de livros e textos literários tornam-se mecanismos facilitadores para a formação humana integral dos discentes. Influenciam positivamente a compreensão, quando permitem que o educando se debruce sobre a degustação das palavras escritas, sejam elas de ficção, ou baseadas em histórias reais, que possam despertar sentimentos, recordações e vivências pessoais. O professor deve fazer uso dessa magia para colocar os alunos em contato com os livros, sendo uma porta aberta para fazê-los entender e compreender o mundo à sua volta, possibilitando um novo despertar, a partir do contato com o que está exposto naquilo que lê.

Nessa perspectiva, Proença Filho, (2007, p. 10) enfatiza que, “a obra literária envolve uma representação e uma visão do mundo, além de uma tomada de posição diante dele”. A prática pedagógica do professor com a literatura possibilita, assim, um trabalho interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, desde que fundamentada em uma abordagem dialógica e libertadora, para além do ensino “bancário”, que conferia ao professor o monopólio do saber (FREIRE, 1996).

De acordo com Lajolo (1999, p. 66), “na tradição brasileira, literatura infantil e escolar mantiveram sempre a relação de dependência mútua”. Segundo a autora, os livros para as crianças nunca deixaram de encontrar na escola um porto seguro, quer como material de leitura obrigatória, como complemento de outras atividades pedagógicas, ou como prêmios aos melhores alunos. À medida que se dá esse contato com os acervos de livros na vida dos alunos, eles podem ser capazes de fazer a análise reflexiva da obra abordada, comparando-a às situações que encontram na realidade cotidiana. Assim, com a mediação do educador, podem questionar criticamente os fatos e narrativas que o texto traz.

Desenvolver uma mediação voltada para os interesses e necessidades das crianças, a partir de histórias que retratam o contexto social em que elas se encontram, potencializa o despertar da curiosidade desses leitores, em adquirir conhecimentos e compartilhar suas ideias e pensamentos, à medida em que socializam com os colegas sua realidade. A leitura em sala de aula, de textos que fazem parte do universo da literatura infantil, pode se tornar um momento em que os sujeitos apresentem suas histórias, costumes e culturas, que têm enraizadas desde o ambiente familiar.

As possibilidades de otimização da literatura para a formação crítica dos sujeitos permitem, a partir do diálogo reflexivo, que os alunos relatem sobre sua história de vida e aspirações para o futuro, ao se espelharem na história de vida dos personagens ou autores. De acordo com Antunes (2015, p. 6) a literatura é “[...] um campo completo do saber”, que “põe em cena, através de textos muito diversos, todos os saberes do mundo num dado momento”. Usando de tom polêmico, afirma “[...] que só se deve ensinar literatura, pois através dela se poderiam abordar todos os saberes” (ANTUNES, 2015, p. 6).

Assim, o contato entre a literatura e a leitura, no ambiente escolar, é compreendido como um momento mediado pela arte de criar, recitar, mergulhar no mundo da imaginação e do conhecimento, com grande influência na vida dos jovens leitores, proporcionando entretenimento, lazer, saber e encantamento.

O ATO DE LER

Existe uma variedade de gêneros textuais que o professor pode estar explorando, como músicas, peças teatrais, filmes, material de propaganda, livros e textos diversos, que devem estar ao alcance dos alunos e podem despertar o gosto de ler. Segundo Solé (2008), as crianças, ao interagirem com materiais diversos, ampliam suas possibilidades de uso da leitura. Assim, o autor defende que “a aprendizagem da leitura e escrita se constrói no seio de atividades compartilhadas, e que não se pode esperar que a criança se mostre competente em algo sobre o que não foi instruída” (SOLÉ, 2008, p. 63).

Despertado pela curiosidade e pelo desejo de querer conhecer e compreender mais coisas através da leitura, o aluno refaz, reconstrói, remodela sua própria forma de ler. Nesse contexto, é importante que o aluno mantenha contato e saiba lidar com diferentes tipos de textos, como afirma Villardi (1999, p. 68):

Ao longo da escolarização é imprescindível, portanto, que o aluno não só tenha contato com os diferentes tipos de textos escritos, mas também que tenha oportunidade de lidar com cada um deles, de forma sistemática, sob a orientação do professor, de modo a perceber o que neles há de mais específico.

A mesma autora considera que “cabe ao professor promover uma escolha segura do livro indicado, de modo que se busque uma leitura adequada à realidade de cada turma” (VILLARDI, 1999, p. 68). Igualmente, Freire alerta para a necessidade de se fugir da repetição mecânica do ato de ler, advertindo, na posição de educador, de que a leitura que os educandos fazem do real, “não pode ser a repetição mecanicamente memorizada da nossa maneira de ler o real”. (FREIRE, 1981, p. 29).

De fato, desde os seus primeiros contatos com a família, quando ainda muito pequena, a criança é inserida no mundo encantado da leitura, mediada pelos adultos, por meio dos recontos e das cantigas de ninar. No espaço escolar se dá a continuidade e o aperfeiçoamento desse processo, mas agora com a mediação do docente. Sem especificação de faixa etária, a leitura faz parte do contexto educacional o ano inteiro, por meio da linguagem verbal e escrita, de diferentes maneiras.

A leitura na escola é desenvolvida com base no nível de aprendizagem e compreensão que cada aluno traz consigo. Por esse princípio, não se pode ver a leitura como responsabilidade somente da escola, mas dentro de um contexto geral, levando em consideração todo seu imaginário social e cultural. Ressalte-se que esse imaginário também é potencializado a partir do que a criança possa alcançar por meio das histórias lidas e contadas. Pelo encantamento das palavras ela é capaz de ficar horas mergulhada em seu mundo imaginário, fazendo suas próprias descobertas. Assim, não existe um lugar específico para que possa acontecer uma contação de história, visto que a leitura pode estar em todo lugar que a criança se sinta à vontade no mundo.

Juntando-se as novas informações adquiridas aos conhecimentos originários, com a necessária lapidação pelo docente, a mediação vai se aperfeiçoando. A leitura, também intermediadora da realidade, requer um conhecimento prévio do mundo, como alerta Leffa (1996). Para interpretação de imagens, palavras, frases, texto, de acordo com este autor, é preciso enxergar além dos códigos, o que está nas entrelinhas, pois “ler é, na essência, olhar uma coisa e ver outra” (LEFFA, 1996, p. 10). Desse modo, a formação leitora não é algo inerente ao ser humano, não é orgânico à sua estrutura biológica, pois para desenvolver o motivo pelo qual se lê e o sentido daquilo que se lê, entendidos aqui como a compreensão e interpretação do texto, é necessário relacioná-lo a situações cotidianas, que possibilitem uma maior formação humanizadora e científica dos leitores.

Para Girotto, Souza e Davis (2015, p.6), “as situações de leitura que as crianças experienciam condicionam, portanto, a formação de motivos de leitura na criança”. Em consonância com esta afirmativa, Arena (2010) entende que as experiências com a leitura devam concorrer para o desenvolvimento imagético das crianças, dada a forma como são envolvidas pelo texto ficcional ou pelas histórias contadas em relatos orais. Esse percurso dinâmico e envolvente contribui significativamente para o estatuto leitor. Seguindo essa mesma reflexão, Baldi (2009, p. 8) afirma a necessidade de:

[...] alimentar a imaginação de nossos alunos, compartilhar leituras como eles e oferecer-lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da leitura como uma forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas, mais criativas.

Quando tem o livro nas mãos para ler, é relevante para o aluno perceber, a partir do seu processo de formação leitora, que naquele livro pode encontrar informações, conhecimentos e

ensinamentos para toda a vida. Como qualquer imagem ou objeto que possa ser visto e apreciado, todo livro permite uma leitura ampla, mas a abrangência dessa leitura depende do modo como o leitor enxerga e entende o assunto abordado. E cada aluno pode ter uma compreensão diferente e tirar suas próprias conclusões para debater, discutir e dialogar com a turma, sob a mediação docente.

À medida que o aluno descobre o gosto pela leitura e se torna um leitor ativo, buscando uma maior interação com os livros, deve perceber, no desenvolvimento da sua jornada, que uma leitura feita várias vezes, em tempos diferentes, pode gerar distintos posicionamentos, dependendo do nível de conhecimento que possa possuir sobre os temas abordados. Como Leffa (1996, p. 15) relata, “a riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor”, ao apresentar diferentes reações e afinidades com os textos, a depender do momento e contexto em que é feita a leitura.

O ato de ler, seja na escola, seja em qualquer outro espaço, promove uma formação humanizadora, no sentido de subsidiar situações em que o aluno possa desenvolver sua autonomia, seu protagonismo, sua interpretação crítica, ao atribuir sentidos à sua leitura. Segundo Mello (2011), nesse processo formativo, para além do pragmatismo, existem práticas intencionais que cumprem seu poder humanizador. A função social da leitura, segundo Girotto, Souza e Davis (2015, p. 12), implica em:

[...] construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”, pois é a partir desse processo que vamos mudando nossa forma de ver o mundo e a nós mesmos, e também vamos realizando a apropriação das formas mais elaboradas de produções humanas, como dos discursos, sejam eles, orais ou escritos. O que desencadeia, em movimento dialético, processos de superação de nossas capacidades, aprimorando-as.

O trabalho realizado com a leitura, em uma perspectiva humanizadora, permite que os alunos possam dialogar com os autores de forma positiva, impondo-se diante dos posicionamentos expostos na narrativa. É a partir dessa interação com o que é apresentado nas produções orais ou escritas, que se pode construir e enriquecer o conhecimento, modificando a forma de se pensar e, conseqüentemente, a partir de uma ação reflexiva, se construir uma sociedade mais justa e igualitária.

A LEITURA DE LITERATURA EM SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

O projeto de leitura “O prazer de ler” buscou incentivar, por meio das obras de Monteiro Lobato e seus personagens, o gosto pela leitura. O interesse em trabalhar com esse projeto partiu da necessidade de ampliar e interagir os conhecimentos da criança com o mundo da leitura. Trata-se de um projeto desenvolvido em uma escola pública da zona rural do Alto-Oeste Potiguar, em que uma das turmas é multisseriada, ou seja, o professor trabalha com várias séries, simultaneamente, na mesma sala de aula, atendendo alunos com idades e níveis de aprendizagem diferentes.

Realidade corriqueira em escolas situadas em municípios da zona rural, a junção de turmas tem se justificado em função do pequeno número de alunos nessas localidades. Embora a existência da turma multiano venha garantindo o acesso das crianças do meio rural ao ensino, a realidade de abandono de muitas escolas, nessas regiões, tem dificultado ainda mais o trabalho docente. Nesse contexto, cabe ao professor, como frisaram Bem e Silva (2019), planejar e executar o desenvolvimento das atividades numa realidade em que ele é, praticamente, responsável sozinho pela aprendizagem do aluno. Muitas vezes, o docente é submetido a um trabalho exaustivo para desenvolver vários tipos de atividades diariamente e orientar, ao mesmo tempo, alunos de diversos níveis de aprendizado, que uma mesma turma pode apresentar (BEM; SILVA, 2019).

O projeto, realizado no ano de 2017, utilizou metodologias diversificadas, para oportunizar as crianças o contato direto com textos literários. O foco foi trabalhar uma literatura infantil que representasse a identidade cultural brasileira, e que tivesse o potencial de encantar e enriquecer a sua aprendizagem durante todo o ano letivo. Nesse capítulo são expostas as atividades desenvolvidas pelo projeto, que teve como objetivo proporcionar às crianças momentos de grande envolvimento e aproximação com o livro, envolvendo diferentes gêneros textuais. Partindo-se do pressuposto de que o trabalho com os diversos gêneros é de suma importância para o desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

Pode-se destacar, por exemplo, a importância do gênero textual fabulas, que traz um aprendizado ético e moral nas entrelinhas de cada história contada, de modo que as crianças podem extrair ensinamentos, através da mediação do professor, que lhes servirão para a vida cotidiana e social. Já o gênero conto pode fazer com que as crianças vivam o processo de expansão do imaginário, pelas intervenções de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, bonecas falantes) entre outros, que proporcionam um encantamento pessoal, deixando que elas expressem livremente seus sentimentos. No gênero poesia infantil, as crianças podem desfrutar dos sonhos, desejos, vontades, sensações poéticas, que impulsionam a viagem na sua própria imaginação. Por fim, o gênero filme e o teatro possibilitam às crianças adentrar na arte imagética da encenação, contemplando, absorvendo e degustando, de forma lúdica, novos conhecimentos.

O projeto foi desenvolvido com uma sequência de atividades baseadas em textos literários infantis, desenvolvidas através de rodas de conversa, visando o envolvimento dos alunos, que desenvolveram várias tarefas, e escolheram uma história para apresentar em forma teatral, como um dos pontos culminantes de todo o processo. Os alunos se engajaram nas atividades, lendo, recontando e criando novas histórias a partir daquelas que liam, produzindo como resultado um livro coletivo, com diversos gêneros textuais, sobre as atividades trabalhadas, que tiveram início na sala de aula, estendendo-se depois para eventos extra classe. Os alunos cumpriram satisfatoriamente todos os desafios propostos. Os que apresentaram dificuldades, conseguiram superá-las com a ajuda dos colegas e o apoio do corpo docente, tal como ensina Freire (1981, p. 70): “ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa”.

O autor escolhido para o projeto foi Monteiro Lobato, com as narrativas das aventuras que envolvem o cenário do Sítio de Pica-pau Amarelo e seus personagens fantásticos, como Emília, Pedrinho, Narizinho, Visconde de Sabugosa, Dona Benta, Tia Anastácia, Saci e tantos outros. Inicialmente, os alunos foram inseridos no conhecimento sobre a vida e obra do autor. O contato com as obras deu sequência ao ato de ler e ouvir, desenvolvendo-se a linguagem oral e escrita. Com essas atividades, buscou-se valorizar a literatura brasileira, além do estímulo à memória e à percepção visual e artística, explorando as habilidades de desenhar, confeccionar objetos de arte, como também a expressão corporal, através de danças e músicas que reportavam ao Sítio do Pica-pau Amarelo.

Dentre as obras trabalhadas, estão *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, *Reinações de Narizinho*, *O Saci*, *Caçadas de Pedrinho* e *Emília no País da Gramática*, cujos livros foram expostos na sala de aula para deleite dos alunos, de forma que a leitura, reconto, interpretação e produção textual permearam as atividades em torno do conhecimento dessas obras. E a fim de propiciar aos alunos uma maior vivência de experiências que as histórias podem proporcionar, foram exibidos episódios do Programa Infantil “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, exibidos pelo Canal Viva e disponível no *YouTube*, em clima de cinema com pipoca, no espaço escolar. Em todos os momentos, os alunos puderam expor as suas impressões, através da oralidade e da recontação das histórias, além da confecção de um livro próprio, com as suas produções textuais.

PÚBLICO-ALVO DO PROJETO

O público-alvo do projeto foram 18 crianças de 6 a 10 anos, alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, sendo o 4º e o 5º funcionando em turma multiano (multisseriada). Nessa realidade desafiadora, a escola se lança à tarefa de incentivar o aluno a ler e escrever. Na faixa etária do público-alvo, os alunos criam expectativas sobre o mundo através da sua imaginação, e muitos sonhos são idealizados a partir das histórias dos personagens. Por isso, o professor tem que estar a cada dia se inovando e inventando estratégias que agucem a curiosidade e o encantamento, numa direção que contribua no processo ensino-aprendizagem.

Como se disse, desde muito cedo as crianças começam a ter o contato com as histórias contadas e cantadas, desenvolvendo o imaginário por meio delas, através da sua memória pessoal ou dos meios de comunicação, como o rádio e a TV. Nesse sentido, o reconto das histórias, sejam quais forem, parte não só do presente, mas também do passado das crianças, por meio de conversas e interações, dentro do seu contexto sociocultural, respeitando-se todas as diferenças e as individualidades.

As crianças, com seus olhares e ouvidos aguçados, começam a perceber e internalizar no seu imaginário as linguagens e fantasias trazidas pela ficção para seu mundo real, num processo que envolve também o desprendimento do mundo idealizado nas narrativas para incorporá-las à sua realidade. Isso pelo entendimento de que seus sonhos podem se realizar através de suas ações na vida real. Para Vygotsky (1932, p. 128) “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável, do pensamento realista”. É através do imaginário que a criança adquire um direcionamento, sendo capaz de fazer o reencontro da linguagem ficcional com o real, levando em consideração o meio em que esteja inserido, num (re) conhecimento e (re) significação das coisas vividas. Assim, através das narrações das histórias, sejam elas fábulas, contos ou quaisquer outras, pode demonstrar seus sentimentos de modo muito particular, desencadeando um leque de reações que interagem juntamente com quem está narrando.

É certo que a criança faz da sua imaginação a realidade, associando-a àquilo que lê e ouve, descobrindo novos sentidos em cada palavra, envolvendo o lúdico às fantasias que são por ela criadas, sendo por isso importante a valorização, por parte do mediador, das imagens particulares e subjetivas construídas pela criança. Toda história contada para a criança é enriquecedora, de acordo com sua criatividade, dentro do seu mundo cultural, considerado um importante espaço de construção social do seu eu, o mesmo acontecendo nos recontos e histórias inventadas pela própria criança.

Para Souza (1994, p. 147), “a criança, ao inventar uma história, retira os elementos de sua fabulação de experiências reais vividas anteriormente, mas a combinação desses elementos constitui algo novo”. Noutras palavras, são momentos em que ela transfere espontaneamente a sua imaginação para a realidade, por meio de brincadeiras que remetem às histórias lidas, contadas ou inventadas. E tanto os pais, como os mediadores do conhecimento na escola, devem ter a consciência de que nunca é cedo, nem tarde demais, para que as histórias sejam inseridas ou multiplicadas no mundo cultural da criança.

ATIVIDADES REALIZADAS

No exercício das atividades docentes, “o planejamento é o ponto de partida e tem a ver com o projeto pedagógico, que, para produzir efeitos necessita ser executado” (LUCKESI, 2011, p. 56). Todo trabalho docente necessita ser minuciosamente planejado, para que os objetivos sejam alcançados e possam suprir as necessidades e carências de conteúdos que os discentes

possam apresentar, no seu desempenho de aprendizagem, sendo importante também, sempre que necessário, o replanejamento das atividades. O importante é ter os objetivos bem definidos, com ações e estratégias que vão nortear e fundamentar a prática docente e preencher as lacunas encontradas na aprendizagem dos alunos.

Assim, “é no planejar que estão inseridos todos os procedimentos, métodos, práticas e objetivos de qualquer atividade desenvolvida, no campo educacional e social, podendo ser flexível e atualizado de acordo com a necessidade da classe discente” (QUEIROZ *et al.*, 2019, p. 2). Para isso, esse trabalho precisa ser desenvolvido de forma coletiva, envolvendo todo o corpo docente, ambos com o mesmo intuito de promover a aprendizagem. E assim foi planejado o projeto “Prazer de Ler”, estabelecendo-se de antemão, coletivamente, como seriam desenvolvidas atividades práticas que despertassem a atenção do aluno, de forma lúdica e prazerosa, na tentativa de incluir todos em um objetivo comum.

No planejamento das atividades, foi pautada a sequência das obras a serem trabalhadas, articulando-as com os conteúdos curriculares; os recursos disponíveis na escola; a noção do conhecimento que os alunos poderiam ou não ter do autor e da obra; o uso de metodologias diversificadas; a distribuição das atividades de acordo com o tempo disponível e os níveis de leitura e escrita dos alunos. Em tudo, previu-se a possibilidade de atualização do planejamento, conforme os desafios fossem se apresentando na execução do projeto. Entre os itens planejados, decidiu-se o local ideal para a realização dos eventos culminantes do projeto: debaixo de uma árvore grande e frondosa, próxima à escola, que seria rodeada de livros e decorada com os materiais confeccionados pelos alunos no decorrer das atividades em sala de aula.

Do planejamento à execução, o trabalho foi introduzido em sala de aula por meio de uma roda de conversa. De início, uma caixa surpresa circulou entre os alunos para que, movidos pela curiosidade, descobrissem o que continha dentro dela. Lá estavam várias obras literárias e, entre elas, *O Picapau Amarelo*, que narra muitas histórias dos personagens de Monteiro Lobato. Mistério resolvido com a descoberta da obra, foi, então, apresentada a bibliografia de Monteiro Lobato e as imagens dos seus personagens.

A partir desse momento, ampliou-se a exposição das obras do autor, através de fotos, contos, poemas, receitas, filmes, músicas, cartazes, dedoches, desenhos, pintura, recorte e colagem, jogos como quebra-cabeça e boliche numérico, sempre associando os personagens e narrativas aos conteúdos e tarefas cotidianas da sala de aula. As atividades na sala foram se intercalando com atividades extraclasse, nas quais os alunos tinham que desempenhar tarefas, recebendo a devolutiva do professor.

No primeiro momento, as crianças foram posicionadas em roda, sentadas no chão. Enquanto a caixa passava pelas crianças, elas iam sugerindo o que podia ter dentro dela. Ao abrir a caixa, descobriram um livro, então foi iniciada a discussão, que girou sobre as seguintes questões: “A importância da leitura: Para que serve o livro? O que aprendemos com ele? Quais os cuidados que devemos ter para conservá-lo?”. Na sequência, fez-se a escuta da música “Sítio do Picapau Amarelo”, de Gilberto Gil, que se tornou o mote inicial para a roda de história, intitulada “Conhecendo Monteiro Lobato e seus personagens”.

Na sequência do trabalho os alunos produziram arte, pinturas de desenhos relacionados aos personagens do Sítio do Picapau Amarelo, para montagem de um painel e assim compor o cenário de ambientação da sala. Os alunos foram estimulados a manusear e conhecer algumas obras de Monteiro Lobato, deixados à vontade para escolher entre fábulas, lendas, contos e poesias; tanto para ler e recontar para os colegas, como também para a leitura extraclasse

No segundo momento, as turmas envolveram-se na leitura do Conto “Narizinho”, baseado na obra *Reinações de Narizinho*, para recontá-lo, através de produção textual e interpretação da história. Na roda de apresentação da leitura, foram realçados os cuidados que se deve ter com os idosos, e despertado nos alunos o interesse em cuidar dos avós, aqueles que um dia criaram seus pais e que possivelmente ajudaram a cuidar dos netos.

Um dos recursos utilizados pelos docentes para contação da história foram os fantoches, além da produção de pinturas e desenhos relacionados aos personagens do Sítio do Picapau Amarelo, transformados em fantoches ou máscaras dos personagens, com exposição em varal e mural. Outro recurso utilizado foi a exibição de episódio do programa Sítio do Picapau Amarelo pelo Canal Viva disponível no *YouTube*, em que a sala de aula se transformou num ambiente de cinema, com direito a muita pipoca.

Como produto desse momento, os alunos foram conduzidos para a elaboração textual, por meio da produção e confecção coletiva de um livro coletivo, com base nas narrativas de Monteiro Lobato. Aqui, a reescrita de textos foi caracterizada, de forma opcional, tanto pela mudança como pela permanência do foco narrativo, dos personagens e do espaço ambientado no texto original, que serviria de referência. Dessa atividade, cada turma escolheu uma história para ser dramatizada. Foi feita a divisão das falas e personagens entre os alunos, e os ensaios foram dando forma cênica ao texto elaborado.

Para condução dessa atividade, primeiro foi organizado o material produzido, com folhas de papel dobradas ao meio e grampeadas, canetinha, giz de cera e lápis de colorir. Os alunos foram incentivados a desenvolverem suas próprias produções, de acordo com o que estava sendo estudado. Com o livro confeccionado artesanalmente, puderam exibir sua criatividade, de forma que todos pudessem ver, manusear e ler o material produzido. Nos textos criados, muitos alunos se incorporaram às histórias de Monteiro Lobato, seja imaginando-se em aventuras no sítio, seja imaginando serem eles os próprios personagens.

No terceiro momento, foi apresentado o conto “O ninho de João de barro e a quimera”, que também consta do livro *O Picapau Amarelo*. Nesse conto, um João-de-barro anima as conversas no Sítio. Na leitura, reconto e interpretação da história, buscou-se conhecer o espaço em que as histórias acontecem, articulando com o ensino de ciências, retratando o *habitat* animal e sua importância na natureza, conscientizando-se os alunos da necessidade de manter os animais livres na floresta, sem aprisioná-los em gaiolas. Na sequência, mais um cineminha com pipoca, na apresentação de outro episódio do programa Sítio do Picapau Amarelo, exibido pelo Canal Viva.

Deu-se, então, continuidade ao trabalho, na produção textual e confecção do livro coletivo, a partir das narrativas lidas e contadas, desta feita integrando-as à ciência da matemática, pela produção de jogos de boliche numérico com as figuras do cenário do Sítio do Picapau Amarelo, e com a formulação de situações problemas. Como em momento anterior, foram produzidas pinturas em guache relacionadas aos personagens lobatianos, o ensaio e montagem da peça teatral, além das danças ao ritmo da música “Sítio do picapau amarelo”, de Gilberto Gil.

No quarto momento, procedeu-se à leitura do conto “O visconde e a Quimera”, da mesma obra *O Picapau Amarelo*, fazendo-se a interface com a disciplina de História, discutindo-se a importância de se manter viva a cultura local ancestral, como parte da tradição de um povo. Na sequência, depois de lida e recontada a história, passou-se à produção textual e encenação do texto para a turma. Foi então finalizada a confecção do livro coletivo das narrativas, que contou com a participação de todos os alunos.

Foi trabalhado, ainda, o texto “Floresta”, da obra *O Saci*, de Monteiro Lobato. A leitura foi introduzida para se discutir sobre o folclore, a natureza e o meio ambiente, interligando a discussão à disciplina de Geografia. A árvore que caracterizava o local de referência do projeto ganhou ainda mais vida e significado para os alunos, quando fizeram daquele ambiente o palco para imaginação e criação, nas atividades relacionadas à natureza. Nesse momento, os alunos puderam vivenciar a passagem da fantasia para a realidade, por meio dos encantamentos e da ludicidade de alguns dos personagens do sítio do pica pau amarelo, criando a partir deles seus próprios personagens, como autores da sua própria história, divertindo-se, sob a árvore centenária, com suas criações.

Na sequência, fez-se a leitura do texto “Uma ideia da Senhora Emília” da obra *Emília no país da gramática*, agora priorizando a interação com o português, trabalhando a gramática e adaptando o texto para uma peça teatral. Despertou-se ainda mais o interesse dos alunos, pela intensa participação e envolvimento na confecção dos figurinos e preparação do cenário, tudo providenciado com os recursos disponíveis. Toda a comunidade escolar foi envolvida na montagem da peça, desde os detalhes das vestimentas e do cenário, até a confecção de um painel contando a vida, obras e personagens de Monteiro Lobato. Vale destacar o envolvimento dos alunos na confecção de dedoches, feitos com reciclagem de rolo de papel higiênico. Durante as atividades, os alunos se debruçaram sobre temas como a preservação do meio ambiente e a vida do meio rural, já que muitos alunos e professores moram ou têm sua origem no campo.

Contando com a participação dos pais, professores e demais alunos, a culminância do projeto se deu em forma de um grande Piquenique Literário, debaixo da grande árvore localizada no entorno da escola. Foi feito um lanche coletivo, em um ambiente muito convidativo para a diversão e confraternização. Ali, foi partilhada a contação de história, os livros confeccionados pelos alunos e materiais diversos produzidos no decorrer das atividades em sala de aula, além das apresentações artístico-culturais.

O local foi todo ambientado com o cenário do sítio do Pica-pau Amarelo, com a disposição de livros variados de literatura infantil, painéis, cartazes, pinturas e produções textuais dos alunos, que constavam do livro produzido coletivamente. Muitos alunos estavam caracterizados como alguns personagens da obra de Monteiro Lobato: Tia Nastácia, Emília, Saci Pererê, Visconde, Dona Benta, Narizinho, Pedrinho, dentre outros, que recontaram suas histórias em forma de teatro e dança, sob orientação dos professores. O momento foi registrado por fotos e gravações de vídeo, preservando a memória das atividades realizadas pelos alunos.

RESULTADOS

As atividades realizadas proporcionaram um resultado positivo para o aprimoramento cultural e cognitivo dos alunos, inibindo entraves e criando possibilidades para que eles pudessem alcançar os objetivos referentes à sua aprendizagem e gosto pela leitura. Mas a leitura envolve uma formação contínua, é uma prática constante da atividade docente. Para os professores que desenvolveram essa experiência, portanto, o trabalho com a leitura deve perpassar todo o ano letivo, sempre estimulando a formação humana e científica dos educandos. Os alunos ficaram seduzidos com suas próprias descobertas, encantados por se tornarem autores, pela criação e narração de suas histórias, que foram reunidas em um livro.

Com a realização desse projeto, percebeu-se uma notável ampliação do nível de criatividade, interesse, desenvoltura e participação dos alunos. Através da comunicação oral e escrita, da arte, dos desenhos, dos gestos, da música e expressão corporal, todos se engajaram nas atividades, lendo, recontando e criando novas histórias, produzindo o seu próprio livro. Para Martins (1994,

p. 33), “a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento”. Ao tentar proporcionar às turmas experiências significativas com a leitura, a avaliação feita pelos professores foi a de que uma mediação do tipo formativa, mediante orientação e aprimoramento, conforme o desempenho, interesses e criatividade do aluno, como foi o caso desse projeto, só pode ser bem sucedida.

Das dificuldades encontradas, pode se destacar, para alguns alunos, os limites do processo de alfabetização e letramento, o baixo estímulo à leitura, a fragilidade de escrita e rescrita de texto, a inibição para montagens e apresentações artísticas. Mas os efeitos negativos foram minimizados, por meio de estratégias refeitas e redefinidas, na medida que a realidade observada impunha sua mudança.

Em termos de desempenho, quanto aos níveis de apropriação da leitura e escrita dos alunos do 1º e 2º ano, houve a necessidade de atividades específicas que acompanhassem os níveis de aprendizagem, uma vez que muitos estavam em processo inicial de compreensão do sistema alfabético e silábico da leitura e da escrita. Com foco na alfabetização, o desenvolvimento da leitura e escrita priorizou a contação de história, a interpretação, o reconto e o desenvolvimento de atividades de desenhos, pinturas, recorte e colagem. Já para os alunos das turmas do 3º, 4º e 5º, a experiência de leitura ganhou um novo significado, com a produção textual de um livro pelos próprios alunos.

Cabe ainda destacar a relevância do trabalho coletivo desenvolvido pela comunidade escolar na execução do projeto, desde o planejamento até a sua culminância. As tarefas cotidianas da sala de aula, pelas diversas atividades realizadas, requerem tempo, disposição e recursos, para transformar em realidade um projeto desta grandeza, mas sobretudo, é preciso comprometimento da escola. Durante a sua execução, o projeto recebeu todo o apoio, o que refletiu positivamente na formação leitora das crianças, que desenvolveram as atividades com mais interesse e compromisso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização do Projeto “Prazer em Ler”, conclui-se que a promoção de momentos criativos no espaço escolar estimula o gosto pela leitura, aprimora o conhecimento e cria novas possibilidades de interação e diversificação de aprendizagens. Quanto às crianças, elas podem ampliar consideravelmente os seus horizontes de mundo, ao deixarem-se viajar pela imaginação, deliciando-se com as belas aventuras que um livro pode proporcionar.

Por isso, o docente, ao mediar a leitura, deve ter em mente um leque de estratégias para despertar a curiosidade do aluno, ao colocar o livro na sua vida diária, possibilitando a ele uma aproximação mais agradável e motivadora com a literatura. A leitura deixa, então, de ser apenas um hábito mecânico de decodificação para se tornar uma prática prazerosa e dinâmica, permitindo ao pequeno leitor novas descobertas dentro do mundo ficcional, levando-o a mergulhar no mundo da sua imaginação, criando seu próprio repertório, aproximando o fictício do real. Ademais, contribui para a formação do respeito às diferenças e para a valorização da arte e da cultura.

Através das descobertas que a leitura da literatura propicia, os alunos podem se descobrir como sujeitos dentro das histórias narradas, adquirindo novos subsídios e possibilidades de viver dialeticamente e criticamente, no presente e no futuro, os seus problemas cotidianos. Os momentos de degustação da leitura são, assim, indispensáveis para uma formação estudantil e cultural humanizadora, dentro do contexto em que se encontram inseridos, com elementos que possibilitem a eles fazerem suas próprias descobertas e construïrem suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Benedito. O ensino da literatura hoje. **Revista FronteiraZ**, PUC-SP, n. 14, p. 3-17, jul. 2015.
- AMPUDIA, Ricardo. **Como formar leitores com a ajuda de Narizinho e a turma do Sítio**, 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2570/como-formar-leitores-com-ajuda-de-narizinho-e-a-turma-do-sitio>. Acesso em: 23 ago. 2017.
- ARENA, Dagoberto Buim. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. *In*: SOUZA, R. J. de. *et al.* **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2010.
- BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**. Porto Alegre: Projeto, 2009.
- BEM, Geralda Maria; SILVA, Cícero Nilton Moreira. Um olhar sobre o ensino nas classes multianos. **Rev. Bras. Educ. Campo**. Tocantinópolis, v. 4, e5242, 2019.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIROTTO, Cyntia Graziella Simões; SOUZA, Renata Junqueira de; DAVIS, C Lynn. Metodologias de ensino. Educação literária e o ensino da leitura: a abordagem das estratégias de leitura na formação de professores e crianças. *In*: DAVID, C. M. *et al.* (org.). **Desafios contemporâneos da educação [online]**. São Paulo: Ed. UNESP, 2015.
- SOUZA, Solange Jobim. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas-SP: Papirus, 1994.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1999.
- LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.
- LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 2005a.
- LOBATO, Monteiro. **O saci**. São Paulo: Brasiliense, 2005b.
- LOBATO, Monteiro. **Pica Pau amarelo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LOBATO, Monteiro. **Emília no país da gramática**. São Paulo: Círculo do livro, 1992.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- MELLO, S. A. A literatura Infantil e a formação da atitude leitora nas crianças pequenas. *In*: CHAVES, M. **Práticas pedagógicas e literatura infantil**. Maringá: Ed: EDUEM, 2011.
- PROENÇA FILHO, Domicílio. **A linguagem literária**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- QUEIROZ, Maria Simara Souza; ALVES, Maria Luzaní Viana; FERREIRA, Maria Gessica Fernandes; COSTA, Maria da Conceição. Do plano à aula: distâncias e aproximações. *In*: **Anais do X Fórum Internacional de Pedagogia (FIPED): lugares de pesquisa, memória e internacionalização em dez anos de AINPGP/FIPED**, Pau dos Ferros-RN, 2019.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.